

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
GRADUAÇÃO EM JORNALISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

SMACK DE ARAÚJO BASTOS NETO

Podcast banho de cuia: jornalismo esportivo multiplataforma e a prática do gênero opinativo

MACEIÓ

2021

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária Responsável: Cláudio César Temóteo Galvino – CRB4/1459

B327p Bastos Neto, Smack de Araújo.
Podcast banho de cuia: jornalismo esportivo multiplataforma e a prática do gênero opinativo / Smack de Araújo Bastos Neto. – 2021.
40 f.: il.

Orientador: Waldson de Souza Costa.
Trabalho de Conclusão de Curso (Comunicação Social : Jornalismo) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Maceió, 2021.

Bibliografia: f. 32.
Anexos: fs. 33-40.

1. Futebol nordestino. 2. *Podcast*. 3. Rádio. 3. Banho de Cuia. 4. Mídia alternativa. I. Título.

CDU: 070

SMACK DE ARAÚJO BASTOS NETO

Podcast banho de cuia: jornalismo esportivo multiplataforma e a prática do gênero opinativo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Alagoas, como parte das exigências para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

Orientador: Prof. Ms. Waldson de Souza Costa

MACEIÓ

2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (UFAL)
Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes (ICHCA)
Curso de Jornalismo

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
TCC para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo

Aos 21 dias do mês de julho do ano de 2021, das 16h às 17h30, realizou-se no Curso de Jornalismo (antigo curso de Comunicação Social), da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), a sessão de apresentação do Trabalho de Conclusão de curso (TCC), intitulado **Podcast Banho de Cuia: jornalismo esportivo e opinativo na prática de autoria** do(a) graduando(a) **Smack de Araújo Bastos Neto**, matrícula 14112533, do Curso de Jornalismo (antigo curso de Comunicação Social – habilitação-Jornalismo), como parte dos requisitos para obtenção do Grau de Bacharel. A banca foi composta por Prof. Dr. Nasson Paulo Sales Neves (1º examinador), por Prof. Ms. Anderson David Gomes dos Santos (2º examinador) e pelo Prof. Msc. Waldson de Souza Costa (orientador). Após exposição oral sintetizando o TCC, o(a) graduando(a) foi arguido(a) pelos membros da banca e em seguida respondeu aos questionamentos levantados. Ao fim da sessão, a banca se reuniu em particular e o TCC foi considerado:

() Aprovado, atribuindo-lhe a nota _____

() Reprovado

(9,0) Aprovado, condicionado a reformulação, devendo o graduando entregar uma segunda versão de seu trabalho em prazo não superior a 15 dias úteis.

Subscrevemo-nos

Documento assinado digitalmente
gov.br Waldson de Souza Costa
Data: 21/07/2021 17:49:12-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

Documento assinado digitalmente
gov.br Nasson Paulo Sales Neves
Data: 21/07/2021 18:21:21-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

(1º examinador)

Documento assinado digitalmente
gov.br Anderson David Gomes dos Santos
Data: 21/07/2021 18:47:03-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

(2º examinador)

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Vânia e Wellington, que sempre acreditaram e apostaram em mim; a minha companheira, Jordana, que me incentiva todo dia a ser um homem melhor; e, ao meu parceiro de jornada no Banho de Cuia, Douglas Batista, já que sem ele nada disso seria possível.

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, agradeço aos meus pais. Eles são os maiores incentivadores que eu tenho desde sempre, e, sem o sacrifício que eles fizeram por mim nada disso seria possível. Agradeço também a minha namorada Jordana, companheira de todas as horas. Um agradecimento também ao meu orientador Waldson, que topou investir nesse projeto. Por fim, gostaria de agradecer a todos os profissionais que passaram pela minha trajetória como estagiário, me ensinando muito sobre a prática do jornalismo.

RESUMO

O presente trabalho é um projeto experimental de podcast. Denominado “Banho de Cuia”, a ideia do programa é propor uma nova abordagem para debater o futebol nordestino, baseado em análises mais aprofundadas sobre o jogo. O projeto se apoia em conhecimentos de rádio, pesquisa sobre produção de podcasts e o jornalismo esportivo e opinativo como grande base teórica. Entre 2019 e 2020, o programa experimental teve duas temporadas de debate e entrevistas sobre clubes, jogadores, e vários aspectos extracampo. Este trabalho traz todo o processo de criação e produção deste produto de comunicação expondo as experiências de acertos e erros. A produção experimental agregou conhecimentos técnicos para o desenvolvimento deste formato de conteúdo, além de contatos profissionais e convites para outros projetos.

Palavras-chave: futebol nordestino, podcast, rádio, Banho de Cuia, mídia alternativa.

ABSTRACT

The present work is an experimental podcast project. Entitled “Banho de Cuia”, the idea of the program is to propose a new approach to discuss brazilian northeastern soccer, based on more in-depth analysis of the game. The project relies on radio knowledge, research on podcast production, sports journalism and opinion journalism as a great theoretical basis. Between 2019 and 2020, the experimental program had two seasons of debate and interviews about clubs, players, and various off-field aspects. This work brings the entire process of creation and production of this communication product exposing the experiences of hits and misses. The experimental production added technical knowledge for the development of this content format, in addition to professional contacts and invitations to other projects.

Keywords: brazilian northeastern soccer, podcast, radio, Banho de Cuia, alternative media.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. OBJETIVOS	12
2.1 - Geral	12
2.2 - Específico	12
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
3.1 – Pod o quê?	13
3.2 - Transportar e transformar a resenha do rádio para o podcast	15
3.3 - Entra em campo o jornalismo esportivo	16
4. PROCEDIMENTOS TÉCNICOS-METODOLÓGICOS	18
4.1 – Ideia e desenvolvimento do tema	18
4.2 - Um produto para o Jornalismo opinativo	20
4.3 - Entrevista	20
5. PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO PRODUTO EXPERIMENTAL	22
5.1 –Por que Banho de Cuia?	22
5.2 - Qual a sua cara?	22
5.3 – E os equipamentos?	24
5.4 – Montando o roteiro	25
5.5 – E grava como?	26
5.6 - Se liga aí, é hora da edição!	27
5.7 - Hora de botar a boca no mundo!	28
6. CONCLUSÃO	30
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32
8. ANEXO	33

1. INTRODUÇÃO

Um sonho que saiu do campo das ideias e encontrou guarida nos ouvidos de muita gente. É assim que enxergo o *Banho de Cuia*. Não só como um podcast, mas como um grande sonho. O moleque que tem recortes de memória ainda da longínqua Copa do Mundo de Futebol em 1990 obviamente não tinha ideia do que era um podcast, mas já gostava de balbuciar opiniões sobre o jogo. Ainda que elas fossem mera reprodução das opiniões do meu pai.

Viver no país que ama futebol é um grande vetor para criar uma paixão pelo esporte. Frequentar estádios, acompanhar os jogos pela televisão, assistir os grandes comentaristas... Tudo isso sempre ocupou boa parte da minha vida e do meu tempo livre. Era a diversão, era um dos principais tópicos de conversa com meu pai e uma das diversões dos finais de semana. O futebol sempre teve tanto espaço na minha vida que ele é o grande responsável por escolher estudar jornalismo.

Sempre fui muito fã das chamadas “resenhas esportivas”. Seja no rádio ou na televisão, sempre admirei os jornalistas que discutiam a situação dos clubes, dos jogadores e projetavam o desempenho nos campeonatos. No contexto estadual, sempre fui fã de nomes como Waldemir Rodrigues, Arivaldo Maia e Warner Oliveira. Eram os meus companheiros durante os jogos locais em um período em que eram raras as transmissões dos clubes locais na televisão.

Pela televisão, nomes como o dos jornalistas Paulo Vinícius Coelho, Mauro Cezar Pereira, Armando Nogueira, Juca Kfourri e José Trajano eram modelos a serem seguidos. Falar sobre futebol de uma forma leve, mas com conteúdo e senso crítico. Isso sempre me chamou atenção e acabou ajudando a moldar a maneira como eu formo opinião, não só no futebol.

Porém, assim como outros setores do nosso cotidiano, o futebol evoluiu. O jogo cada vez mais foi ganhando aspectos táticos e técnicos que começaram a mudar sua forma. Cada vez mais a partida também começou a ser jogada fora de campo, com o auxílio de análise de dados e estatísticas para saber quem está mais ou menos próximo de uma vitória, de um título. Neste ponto, me recordo de um trecho do livro “A bola não entra por acaso”, de Ferran Soriano, ex-diretor do *Fútbol Club de Barcelona*, que refuta totalmente o culto ao acaso que imperava no futebol há alguns anos atrás:

Identificar e compreender a lógica que existe por trás de uma determinada atividade à qual se quer acessar é o mínimo básico e necessário. [...] Os entusiastas do clássico “o futebol é assim” poderão argumentar casos nos quais equipes pequenas ganharam partidas ou até campeonatos contra outras maiores, desafiando a lógica [...] Assim, se quisermos ter uma equipe campeã, uma equipe que tenha possibilidade de ganhar campeonatos de forma periódica e recorrente, devemos trabalhar com firmeza para ter

um clube grande, que gere receitas suficientes para contratar o melhor talento futebolístico disponível. E isso se faz trabalhando duro, administrando com bom critério, com o mesmo senso comum que utiliza o diretor de uma corporação multinacional ou o comerciante da esquina. Não tem nada a ver com o acaso. (SORIANO, 2010, p. 11-12)

Assim como alguém que acredita que a bola não entra por acaso, comecei a sentir um certo incômodo pela falta de produção de conteúdos que dessem mais atenção para alguns aspectos que fazem parte do jogo de maneira indireta; mas que contribuem decisivamente para as vitórias ou derrotas no futebol. E isto é ainda mais acentuado no cenário em que o projeto do *podcast Banho de Cuia* se propôs abordar: o futebol nordestino. Mesmo que essa visão mais analítica e sistemática do jogo ainda encontre muita resistência por parte dos dirigentes e torcedores.

Foi assim que em 2019 iniciei um projeto experimental para tentar preencher essa lacuna e tentar ampliar o espaço de discussão sobre o futebol nordestino. Junto ao amigo Douglas Batista, de Recife (PE), iniciei o projeto do *podcast Banho de Cuia* para discutir o futebol nordestino com a maior amplitude possível de visões e tentando trazer o máximo de informações sobre os clubes da região seguindo a linha de que o futebol não vive do acaso.

Mais do que isso, o processo de utilizar o podcast como uma ferramenta de produzir um conteúdo de jornalismo opinativo dentro do futebol também possui um outro objetivo: ampliar a visão do que é o futebol para os torcedores. Pode parecer loucura, mas a grande maioria dos espectadores de futebol não possui um conhecimento profundo sobre os mecanismos do jogo ou as condições extracampo que são necessárias para a boa prática do esporte em alto nível competitivo.

É óbvio que o programa não ensina alguém a torcer corretamente para o seu time, mas poder fornecer um conteúdo que auxilie as pessoas que gostam de futebol a entender melhor as circunstâncias do jogo; mostrando o que fez aquele time ir bem e ao mesmo tempo os motivos de outro clube ir tão mal. Acredito que seja uma função social interessante e foi o que me motivou a desenvolver esta proposta.

Tecnicamente, o projeto buscou seguir o ritual comum de criação de um *podcast*: definir uma temática, pensar em um nome e na identidade visual, no público-alvo, nos participantes, nos equipamentos que seriam necessários, no roteiro, na edição, na plataforma de hospedagem e na logística de divulgação. Tudo isto foi planejado e executado com base em conhecimentos técnicos adquiridos durante a graduação, em um processo de evolução, com acertos e equívocos na caminhada.

Utilizar esse produto experimental iniciado em 2019, que em breve iniciará uma terceira temporada ainda em 2021, é motivo de orgulho. Estamos em um cenário em que a comunicação se torna cada vez mais interativa, modificando a relação engessada entre emissor e receptor para um formato mais acessível, onde o receptor agora participa de forma mais próxima na construção do conteúdo.

Diante dessa realidade de mercado, ter espaços abertos de mídia alternativa para discutir assuntos sem muito espaço ou, no caso deste projeto, discutir um tema tão corriqueiro como o futebol sob uma ótica diferente, é crucial. O enxugamento de vagas em redações e as frequentes demissões em veículos de comunicação também é outro fator que obriga os jornalistas a se reinventarem, mesmo aqueles que ainda não estão inseridos formalmente no mercado, como no meu caso. Mais do que um projeto acadêmico, conceber um produto experimental acaba sendo um projeto de vida.

Ao longo do relatório, o trabalho será exposto através dos tópicos: objetivos, fundamentação teórica, procedimentos técnico-metodológicos e processo de construção experimental.

2. OBJETIVOS

2.1 - Geral:

Produzir um projeto experimental de podcast com a temática do futebol nordestino utilizando técnicas de rádio adaptadas para a linguagem do formato podcast, através do conhecimento de estudos sobre o futebol e fazendo análise do fenômeno com especialistas.

2.2 – Específico:

Propor uma outra forma de analisar o esporte praticado na região Nordeste através da utilização de técnicas de comunicação que auxiliem a divulgação do futebol nordestino de maneira diferente do que é praticado pela grande maioria das mídias tradicionais. Com base em estudos sobre o rádio, podcast, jornalismo esportivo e opinativo, utilizo o podcast para abrigar um projeto experimental e de cunho independente que demonstra que é possível a execução de um conteúdo totalmente autoral e sem a interferência de terceiros neste formato de baixo investimento. Construir uma nova visão sobre o futebol da região e dar espaço para ampliar conhecimentos sobre o cenário do futebol na região.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para criação deste produto experimental não há como se limitar em apenas uma área específica dentro dos gêneros jornalísticos. Sendo o *Banho de Cuia* um *podcast* que pretende realizar uma análise do futebol nordestino, levo em consideração que alguns elementos teóricos acabam se misturando neste trabalho.

Ainda que sejam diferentes, o rádio e o *podcast* têm elementos em comum. Ambos se comunicam essencialmente através das vozes, possuindo um ritmo similar. Nessa interseção, o jornalismo esportivo também ganha espaço, tendo em vista que a história desta ramificação jornalística foi construída, em grande parte, por grandes cronistas esportivos em rádio.

Mesmo em tempos digitais, é comum ir ao estádio e observar diversos torcedores com fones de ouvido, ou mesmo com os radinhos de pilha colados no ouvido. Ainda que no cotidiano, o rádio ainda é um bom companheiro para obter as últimas notícias sobre o clube de coração ou o rival. Ou seja, consumir o futebol através de informações passadas por uma comunicação vocal é tradição.

Boa parte dos torcedores não quer só acompanhar a partida, eles precisam de uma “trilha sonora”, um parceiro para concordar ou discordar sobre o que está acontecendo com o time. Para debater sobre a boa fase do clube, opinar sobre o atacante que vive um jejum de gols, falar sobre o goleiro que vem em uma sequência incrível de defesas; e, até mesmo, pressionar o dirigente que não consegue trazer bons reforços.

Nessa esteira, o *podcast* acaba abrindo um novo mundo. Com a necessidade de consumo de nichos cada vez mais específicos, atender essa demanda em mídias mais tradicionais é inviável. O *podcast* consegue atender essa demanda e até mesmo criar novas. Por tudo isso, é importante destrinchar esses três gêneros (rádio, *podcast* e jornalismo esportivo) para compreendermos o fundamento que é o alicerce deste projeto experimental.

3.1 - Pod o quê?

O rádio inicialmente foi pensado para realizar comunicações entre as pessoas. Posteriormente, os grandes conglomerados de comunicação passaram a utilizar essa tecnologia para fins de comunicação de massa. O veículo atingiu com certa velocidade esse patamar, se tornando o meio voltado para o entretenimento mais consumido no Brasil até meados dos anos 70, quando a televisão começou a sua popularização no país.

Muito desse sucesso do rádio pode ser explicado pela comunicação simples e direta, que não exigia um alto nível cultural ou de escolaridade como era o caso do jornal, dos livros ou de

revistas. O rádio chegava na capital e no interior, conversando com jovens, adultos e idosos. Essa variedade de público também se explica pela grande variedade de opções de conteúdo que eram entregues pelo veículo.

Se existe um formato que também é capaz de unir várias dessas características é o *podcast*. Numa comparação com outras mídias, esta proposta é bem recente. Os primeiros relatos sobre a criação de programas nesta mídia foram registrados apenas em 2004. Esse novo formato de mídia, onde as produções atuais lembram um pouco os programas clássicos de rádio em uma nova roupagem, nasceu de uma necessidade de um jornalista divulgar arquivos de entrevistas em áudio:

[...] Dave Winer criou uma forma de fazer o RSS funcionar também para arquivos de áudio, para que o jornalista Christopher Lydon pudesse disponibilizar uma série de entrevistas na internet. Só que isso ainda não era podcast. [...] Só no ano seguinte, em 2004, que ocorreu o “pulo do gato” que passou a diferenciar de vez esse sistema do RSS “normal”: Adam Curry criou, a partir de um script de Kevin Marks, uma forma de transferir esse arquivo de áudio disponibilizado via RSS para o agregador iTunes (que na época era a única forma de “alimentar” de conteúdo os iPods, populares tocadores de mídia da Apple – o iPhone ainda não havia sido lançado). Esse sistema, chamado de RSStoIPod (um nome não muito criativo, mas que mostra de forma bem clara sua função) foi disponibilizado para que outros programadores o utilizassem livremente, o que fez com que vários outros agregadores passassem a também trazer esse download automatizado de arquivos de áudio. Essa forma de transmitir dados passou a ser chamada de podcasting (junção do prefixo “pod”, oriundo de iPod, com o sufixo “casting”, originado da expressão “broadcasting”, transmissão pública e massiva de informações). O nome fora sugerido em fevereiro de 2004 por Ben Hammersley, no jornal The Guardian, para definir a forma de transmissão das entrevistas de Lyndon e acabou sendo adotado posteriormente para esse novo sistema de transmissão de dados. (LOPES, 2015, p. 14-15).

Apesar da aparente semelhança com o rádio, pela similaridade em distribuir conteúdo em áudio de forma pública e massiva bem como na origem de conceber uma ideia de interatividade, as duas mídias possuem as suas diferenças. Mesmo com estas semelhanças, os conceitos da transmissão de *podcast* e de rádio são diferentes. No artigo científico denominado “O crescimento do podcast: origem e desenvolvimento de uma cibercultura”, de Lucio Luiz e Pablo de Assis, os autores fazem uma boa diferenciação entre os dois canais:

Embora haja certa semelhança entre o podcast e o que poderia ser chamado de “rádio pela internet”, já que se trata essencialmente de informações passadas via arquivos de áudio, não é esse o caso. Meditsch (1999 apud Bufarah, 2003) classifica modelos de difusão de áudio como o do podcasting como sendo um tipo de serviço, na verdade, fonográfico, “não se caracterizando como radiofônico por não ser emitido em tempo real”. Podemos, portanto, definir o podcasting como uma forma de transmitir um arquivo de áudio via internet para ser ouvido em um iPod ou outro aparelho que reproduza ou receba esse arquivo. E entendemos que o podcast é tanto o arquivo de áudio transmitido via podcasting quanto o coletivo desses arquivos. (LUIZ, ASSIS, 2009, p. 2)

Utilizando o formato do *podcast*, o produto experimental também uniu o gênero do jornalismo opinativo, entrevistas e técnicas de rádio para construir o produto final objeto de estudo neste trabalho.

3.2 - Transportar e transformar a resenha do rádio para o *podcast*

O sentido da audição é o grande alvo da comunicação feita pelo rádio e pelo *podcast*. Com este paralelo básico, é importante entender essa conexão do rádio com o projeto. Ainda que não seja produzido pensando em uma dinâmica “ao vivo”, o produto experimental objeto do trabalho acaba “bebendo da fonte” no formato de comunicar do rádio esportivo.

É importante destacar que o ouvinte do rádio que acompanha alguma transmissão noticiosa tem a reação instintiva de formar imagens mentais, graças às informações indicadas pelo locutor. Esse formato de conteúdo leva o ouvinte a criar algo muito mais preciso que aquele produzido pela própria televisão, tendo em vista que, no exemplo do futebol, ele projeta muito melhor um chute forte, um passe errado ou um gol de bicicleta do que uma encenação audiovisual.

O futebol e o rádio são dois fenômenos culturais que acabaram crescendo juntos no Brasil. A mistura entre eles acabou sendo questão de tempo. Um pouco antes do início da década de 30 o rádio esportivo já começava a ter os seus primeiros programas para falar sobre o esporte que crescia no país, como afirma Pessoa (2012):

Antes da década de 30, era possível ser informado sobre os resultados de jogos esportivos apenas por boletins curtos, com os resultados das partidas. Mas, após Nicolau Tuma transmitir a primeira partida de futebol, conhecida como transmissão “lance-a-lance”, outros locutores viram que era possível realizar tal trabalho. [...] A partir de 1932, houve uma grande mudança na regulamentação dos anúncios no rádio durante a programação. Embora antes desta data já houvesse anúncios discretos, a partir deste momento, o rádio esportivo passa a ter um crescimento na visibilidade, pois o interesse pelo futebol só aumentava, contribuindo muito com a popularização do esporte no país. (PESSOA, 2012, p.24)

A evolução da cobertura do esporte foi se desenvolvendo ao longo dos anos. Ainda segundo Pessoa (2012), em 1982, o jornalista Milton Neves desenvolveu um novo programa para a Jovem Pan, chamado *Terceiro Tempo*. O formato de cobertura pós jogo, com uma reunião da equipe que transmitiu o jogo debatendo e analisando a partida, o desempenho dos jogadores e o momento dos clubes e da competição acabou se firmando, sendo um formato replicado até os dias de hoje.

Atualmente, a maioria das rádios que possuem programas jornalísticos possuem algum programa dedicado ao futebol. As chamadas “resenhas esportivas” são muito acompanhadas

pelos fanáticos torcedores, que querem saber as notícias mais quentes dos seus clubes e ouvir a opinião dos comentaristas sobre jogadores, técnicos e dirigentes. E é neste momento que podemos encontrar mais uma interseção contida neste projeto: o *podcast* com o rádio e o jornalismo esportivo.

3.3 - Entra em campo o jornalismo esportivo multiplataforma

O jornalismo esportivo foi quem me cooptou para esta formação em comunicação. Por lidar muito com as emoções que o esporte causa nos seus espectadores, por muitas vezes o gênero é confundido com o entretenimento. Ao tentar repassar os sentimentos e o fator humano nos esportes, por vezes há o risco de se perder e deixar de reportar para fazer parte da narrativa que está acompanhando. Até por isso, realizar uma cobertura esportiva demanda muito foco, conhecimento e comprometimento.

Para abordar de forma competente o produto experimental de estudo deste trabalho, não há como se desvencilhar do jornalismo esportivo. É nele que está baseada toda a formatação sobre o que e como falar. E ao contrário do que o senso comum acredita, é muito trabalhoso para um jornalista produzir uma pauta para um programa esportivo. Principalmente quando o objetivo é construir algo com bastante qualidade.

O jornalismo esportivo precisa ter ideias diferentes a cada dia, fato raro nos modelos que vemos atualmente. O jornalista que cobre esportes precisa usar sua criatividade e buscar assuntos que fogem da rotina de treinos de um time, ou dos jogos da semana. Um dos pontos que precisam ser mais vistos pelo jornalismo esportivo é o lado da defesa do torcedor e consumidor do esporte, abordando as políticas públicas e ações vinculadas à cidadania e ao terceiro setor. Porém, é possível fazer jornalismo esportivo de maneira inteligente, basta estar sempre antenado e informado sobre o mundo. É importante que o jornalista esportivo saiba que pautas sobre esporte, nem sempre são sobre o próprio esporte. (PESSOA, 2012, p.20-21)

Pensando este projeto como um local onde a discussão sobre o futebol nordestino pretende ser travada de forma profunda e ampla, as boas práticas do jornalismo esportivo são pré-requisito. Sobretudo se for executado sem desconsiderar os fatores sociais, o contexto histórico e que não se precipita em busca de um furo de notícia em detrimento de uma boa apuração e análise interpretativa responsável do que está acontecendo.

Outro fator crucial para o desenvolvimento deste projeto é o papel do comentarista. Sem ele não há análise, não há uma interpretação dos fatos e não existe debate. Os comentaristas acabam dando a dinâmica sobre o que é ou não é importante, por qual caminho a pauta deve ser abordada e instiga os espectadores a acompanharem as reflexões sobre o tema.

A função do comentarista no jornalismo esportivo é muito importante. Ele tem um papel que não é fácil, precisa fugir do óbvio. Segundo Barbeiro e Rangel (2012) o comentarista tem de ter conhecimento, vivência e experiência no esporte, e sempre reconhecer seu erro. Nenhum jornalista esportivo deve parar de se atualizar diante do grande número de mudanças que vivemos no meio esportivo. (PESSOA, 2012, p. 22).

Por fim, não menos importante neste contexto é a figura do especialista. Por mais que os comentaristas busquem e apurem informação antes de proferir suas opiniões, por vezes é necessária a presença de alguém que tenha um vasto conhecimento sobre algum tema para abastecer o produto com informações ainda mais precisas e abalizadas. Muitas vezes, estes especialistas acabam se tornando entrevistados, para que o fato discutido tenha o maior número de informações possível antes dos comentaristas darem algum tipo de opinião sobre o tema.

É muito importante a figura do especialista no jornalismo esportivo. Os repórteres devem sempre buscá-los sobre assuntos pouco abordados no dia-a-dia esportivo. Especialistas sobre o direito desportivo, política esportiva e marketing esportivo devem ser sempre consultados como fontes para reportagens diferenciadas. É importante também que o jornalista esportivo explique regras, técnicas e termos utilizados em competições, pois nem toda audiência entende de beisebol ou golfe, por exemplo. (PESSOA, 2012, p.22).

Além disso, é importante ressaltar a figura do jornalista que lida bem com o ambiente multiplataforma. Pois ainda que o projeto tenha sido concebido como um *podcast*, ele necessita de conceitos e conhecimentos de outras plataformas para chegar até os potenciais ouvintes. Esse conhecimento em áreas diversas é requerido constantemente para quem pretende ingressar no mercado de trabalho.

Superada a fundamentação teórica para o projeto, o relatório parte para a fase que analisará os procedimentos técnico-metodológicos que forneceram o embasamento para a construção do produto experimental, através de conhecimentos obtidos através dos estudos durante a graduação.

4. PROCEDIMENTOS TÉCNICOS-METODOLÓGICOS

Criar um produto experimental requer planejamento e execução de uma série de etapas até atingir o resultado final. Com o Podcast *Banho de Cuia* não foi diferente. Tomei como base alguns conhecimentos adquiridos ao longo da graduação, somados a experiências em estágios e até mesmo outros projetos experimentais que eu participei ou ainda participo atualmente. Todos eles no campo do jornalismo esportivo.

Para buscar um alto padrão é necessário ter sempre o apoio do conhecimento teórico e prático construído ao longo da caminhada na graduação. O *Banho de Cuia* nasceu graças aos estímulos de conhecimentos que foram adquiridos nos últimos anos e o seu resultado, ainda que o projeto siga buscando melhorar e aumentar os padrões, é um produto que se propõe a discutir os aspectos mais diversos do futebol da região nordeste de uma maneira profunda, técnica e sempre buscando fugir do óbvio. A partir deste momento, o relatório trará as fundações do produto experimental, trazendo os procedimentos técnico-metodológicos obtidos ao longo da graduação, que auxiliaram no processo de criação do Banho de Cuia. Através do uso de uma técnica de pesquisa para a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo (BAUER; GASKELL, 2002).

4.1 - Ideia e desenvolvimento do tema

A ideia para desenvolver o produto nasceu de uma paixão antiga pelos esportes, mais especificamente, o futebol. No meu caso, o encontro com o jornalismo se deu muito por conta da vontade de vivenciar de maneira mais próxima o esporte, já que o talento para atleta profissional não me acompanhou. Entrar no COS e expandir o contato com a área só aumentou mais a paixão.

Ao longo do curso, tive experiências de estágio que contribuíram para minha paixão. Minhas passagens pela redação do portal *Gazetaweb*, *ALI Notícias* e *Globoesporte.com* construíram muito do que eu entendo do jornalismo esportivo; elaborando matérias, tendo contato direto com atletas e dirigentes e coberturas de eventos importantes, como jogos da seleção brasileira de voleibol. Após as experiências no estágio, senti falta de produzir algum conteúdo na área, mas pensando em algo que pudesse preencher alguma lacuna de conteúdo.

No final da minha passagem no *Globoesporte.com*, no meio de 2018, começava a nascer uma nova paixão na comunicação: os *podcasts*. Aquele formato de mídia ainda pouco divulgado na época me encantou. Eu, como um fanático pelo rádio esportivo nos anos 90, fiquei encantado

com esse novo mundo de possibilidades. Programas cada vez mais temáticos, com nichos específicos e sem uma limitação específica de tempo. E o melhor: eles poderiam ser escutados em qualquer hora e lugar, bastava possuir acesso à internet para escutar *online* ou realizar *download* para ouvir *offline*. Um companheiro para as viagens de ônibus, para as tarefas domésticas ou apenas aquele momento de descanso.

Mas até aquele momento a ideia de produzir um conteúdo próprio em formato de *podcast* me parecia distante. Principalmente porque a princípio eu não dispunha de equipamentos para embarcar naquela estrada. Na minha percepção como ouvinte, eu necessitaria de uma espécie de “mini estúdio” para poder gravar, editar e divulgar os programas. Não tinha nem ideia de como criar um *feed RSS*, necessário para que os programas sejam hospedados.

Até que, por intermédio de um grupo de *Whatsapp* de fãs de um *podcast* chamado *Footure*, acabei sendo convidado para participar de um novo projeto de *podcasts*: o *Amplitude*. Essa passagem, de cerca de um ano, foi fundamental para o nascimento do *Banho de Cuia*. Sem o conhecimento técnico que obtive durante a passagem neste projeto, jamais teria lançado o programa. No *Amplitude*, que tinha como objetivo servir como uma espécie de “*hub*” de *podcasts*, a necessidade me fez aprender que eu poderia usar apenas o meu telefone para gravar os programas assim como que um simples aplicativo de computador seria o suficiente para realizar a edição. Também aprendi que um site gratuito poderia realizar de forma automática a distribuição dos programas para uma gama de agregadores de *podcasts*.

Superada as dificuldades técnicas, faltava o nicho a ser explorado. Até então, o projeto tinha programas sobre o futebol espanhol e um programa de entrevistas sobre temas diversos dentro do universo do futebol. No entanto, o consumidor de *podcasts* sentia falta de um programa que falasse de forma mais analítica sobre o futebol nordestino. E descobri que cada vez mais entender o futebol de forma mais profunda, juntamente com os conceitos e táticas do jogo, me encantava. Com a oportunidade de dividir isso com mais pessoas da região me motivou a criar o *Banho de Cuia*. Um *podcast* feito de nordestinos para nordestinos de nascimento e de coração - como a entrada inicial faz questão de reforçar - para discutir de forma mais analítica o futebol na região.

Analisando este nicho, observei que já haviam outros programas que tratavam do futebol nordestino na “*podosfera*”. O *Baião de Dois* e o *45 Minutos* já cobriam o futebol local, mas de maneiras distintas da que eu gostaria. Então pensei, “*por que não investir nesse formato?*” Após

o convite a um bom amigo de Recife, Douglas Batista, para ser participante fixo e mantendo a ideia de convidados esporádicos em cada semana, foi criado o *Banho de Cuia*.

Utilizando o jornalismo opinativo para debater e discutir assuntos do futebol da região, o programa também se valeu do gênero de entrevistas em alguns episódios com o objetivo de enriquecer o conteúdo através do conhecimento de um especialista sobre o tema do episódio.

4.2 – Um produto para o Jornalismo opinativo

O *Banho de Cuia* é um programa essencialmente de opiniões sobre o futebol nordestino. Foi concebido para aprofundar o debate sobre clubes, competições, estrutura e administração do futebol. Para isso, os integrantes estão sempre atualizados através do noticiário diário disponível através das mais diversas mídias. Seja pelo rádio, televisão, *web* ou mesmo outros podcasts, o intuito é sempre estar bem informado para abastecer o ouvinte com as melhores opiniões possíveis.

Aliado a isso, assistir aos jogos é fundamental. Neste ponto, os componentes do projeto experimental sempre tiveram em mente e se esforçam ao máximo para acompanhar o maior número de jogos possíveis. Se os integrantes fixos ainda não têm os seus nomes tarimbados como grande referência no cenário local, o universo *podcaster* acaba dando a oportunidade para este tipo de projeto ganhar corpo e ter audiência, ainda que pequena para os padrões dos meios de comunicação de massa.

Pensando na definição realizada por José Marques de Melo (MARQUES DE MELO, 2009), o jornalismo opinativo subdivide-se em: editorial, comentário, artigo, resenha/crítica, coluna, crônica, caricatura e carta. No *Banho de Cuia*, apesar de não utilizarmos o texto escrito como o formato de comunicação, creio que o subgênero “comentário” é o que acaba melhor se encaixando neste caso.

4.3 – Entrevista

Um outro gênero que é explorado no projeto experimental é o da entrevista. Utilizada em alguns episódios do podcast, a entrevista foi um artifício encontrado para reforçar um dos objetivos do programa, se aprofundando em conhecimentos específicos sobre o futebol nordestino, sobretudo em áreas que os participantes regulares ou convidados não tinham tanto conhecimento.

Ao pensarmos em uma entrevista, ela deve seguir um objetivo claro de trazer novos fatos ou esclarecer informações anteriores que são imprecisas. No *Banho de Cuia*, as entrevistas

buscam extrair o máximo de conhecimento e experiências dos entrevistados no contexto do futebol local, sempre em busca da entrevista ideal. Neste tema, vale destacar o que preconiza Heródoto Barbeiro em seu Manual de Jornalismo:

Ela deve ter começo, meio e fim. Planeje o tempo disponível, informe-se sobre o que vai perguntar. A falta de preparo pode dar ao entrevistado a chance de transformar a entrevista em palanque, púlpito, ou algo semelhante. A pergunta tem que ter tamanho certo, suficiente para que o telespectador entenda o assunto. Alguns entrevistadores falam tanto sobre o tema que acabam respondendo à própria pergunta, deixando o entrevistado sem ter o que dizer. Outro extremo é a pergunta pequena demais a ponto do público não saber do que se está falando. [...] O jornalista deve estar preparado para a mudança no rumo da entrevista, e uma resposta pode levar o assunto para um tema mais importante que o preestabelecido. Sendo assim, o jornalista deve procurar entender o que o entrevistado quis dizer nas “entrelinhas”. (BARBEIRO, 2013, p. 126)

Segundo o conceito de Nilson Lage (LAGE, 2003) sobre os tipos de entrevistas, o modelo adotado pelo *Banho de Cuia* é o temático. Os episódios que se valem deste gênero jornalístico abordam um tema específico, com entrevistados que possuem autoridade para discorrer sobre os temas apresentados, expondo os seus pontos de vista e, concomitantemente, reforçando a linha editorial do projeto através do conhecimento dos entrevistados. O mesmo autor faz a sua subdivisão sobre os tipos de entrevista segundo as circunstâncias da realização. Nesta subdivisão, acredito que o *Banho de Cuia* se encaixe no conceito de entrevista dialogal, onde o autor traz aspectos interessantes para o gênero e essa modalidade em específico:

[...] são as entrevistas por excelência. Marcadas com antecipação, reúnem entrevistado e entrevistador em ambiente controlado - sentados, em geral, e, de preferência, sem a interveniência de um aparato (como uma mesa de escritório) capaz de estabelecer hierarquia (quem se senta diante das gavetas da mesa assume, de certa forma, posição de mando). Entrevistador e entrevistado constroem o tom de sua conversa, que evolui a partir de questões colocadas pelo primeiro, mas não se limitam a esses tópicos: permite-se o aprofundamento e detalhamento dos pontos abordados. A entrevista individual é chamada propriamente de exclusiva quando o entrevistado a concede ao veículo, e não a qualquer outro; impropriamente, quando a iniciativa parte do veículo, não havendo outro interessado ou que tenha tido a mesma idéia (sic). A expressão “entrevista exclusiva” tem valor de marketing: embora toda entrevista individual seja exclusiva (dificilmente alguém repete exatamente as mesmas formulações em duas conversas diferentes), valoriza o eventual esforço de reportagem e o conteúdo inédito das declarações obtidas. (LAGE, 2003, p. 34)

Por fim, vale destacar que as entrevistas foram realizadas por meio virtual, através de chamadas de voz por internet, tendo em vista dificuldades como: a falta de um estúdio de gravação para o projeto; a distância entre entrevistadores e entrevistados; e não menos importante, a pandemia, que podou qualquer possibilidade de algum tipo de gravação presencial.

5. PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO PRODUTO EXPERIMENTAL

O desenvolvimento técnico para a construção do produto experimental passou por diversas fases. Tendo a ideia clara do que eu gostaria de desenvolver, passar a ideia para o mundo real necessitou um bom planejamento. Desde a ideia do nome, passando pela identidade visual até a distribuição do programa em diversas plataformas, o processo teve diversas etapas, que serão destrinchadas ao longo deste tópico.

5.1 - Por que Banho de Cuia?

Ao pensar em criar um produto experimental sobre o futebol nordestino, a primeira tarefa foi pensar em um nome. Em uma conversa rápida com Douglas, meu companheiro na empreitada, estabelecemos um critério simples para pensar em um nome: ele teria que representar a região de forma única, não sendo algo específico de algum estado. Por exemplo: a expressão “baba”, na Bahia, significa um jogo de futebol entre amigos. Em outros estados, expressões como “racha” ou “pelada” também são utilizadas.

Com esse recorte, combinamos de pensar por alguns dias sugestões de nomes que pudessem expressar algo da cultura nordestina e que fosse compreensível em toda região. Entre algumas pesquisas buscando se haviam outros podcasts com o mesmo nome, sugeri *Banho de Cuia*. Após as buscas não encontrarem nenhum outro produto com essa nomenclatura, confirmamos a escolha.

Vale destacar para quem não acompanha tanto o futebol que a expressão “banho de cuia” é usada no Nordeste para nomear o lance em que um jogador dribla outro passando a bola por cima do defensor. Em outros lugares, essa jogada é conhecida como “chapéu” ou “lençol”.

Além de ser uma expressão que é compreendida em toda região, é algo que rapidamente remete ao futebol, fazendo com que a marca se comunique facilmente com o público-alvo. Com o nome definido, o movimento seguinte foi definir a identidade visual.

5.2 - Qual a sua cara?

Definido o nome, era a hora de definir a cara do produto. A ideia primária para a logomarca foi inserir elementos da cultura nordestina junto a uma bola, para reforçar a temática do projeto (futebol no Nordeste). Como não possuo conhecimento suficiente para desenvolver uma logomarca, muito menos uma identidade visual, após essa espécie de *briefing*, um grande amigo, Thiago Ferreira, desenvolveu a logomarca e um modelo de capa para o programa.

A logo possui um fundo com as cores em tons de marrom, simbolizando a cor usada por cangaceiros, que fazem parte da cultura e da história nordestina. O elemento principal é um chapéu de cangaceiro customizado. Ao invés das estrelas, a decoração do chapéu traz elementos como cacto, sol e, ao centro, uma perna dando um chute em uma bola. Abaixo do chapéu, o nome *Banho de Cuia*, centralizado em destaque, com a mesma cor do chapéu, escrito na fonte Xilosa, que é bastante usada em impressões de literatura de cordel (FIGURA 1).

FIGURA 1 – Logo do programa de podcast *Banho de Cuia*.



Fonte: Thiago Ferreira

Além disso, Thiago também desenvolveu um arquivo editável, salvo em um formato de arquivo XCF, para as capas de episódios. Com elementos similares ao da logomarca, a imagem tem um fundo branco, com traços que remetem às ilustrações típicas de cordel. No lado superior direito fica a logomarca produzida. Logo abaixo, o espaço para o título do episódio. No lado inferior esquerdo, a identificação do número do episódio. Tanto o número quanto o título são

em fonte Xilosa. centralizada, o fundo transparente para inserir uma imagem referente ao tema do programa.

FIGURA 2 – Exemplos de capas de episódios do *Banho de Cuia*.



Fonte: Thiago Ferreira

5.3 - E os equipamentos?

A experiência de ter participado de um outro projeto de *podcast* - *Amplitude* - acabou me ajudando a desmistificar a necessidade de um grande investimento em equipamentos para conseguir gravar um programa. A verdade é que, com apenas um celular, já é possível produzir um *podcast*.

No caso do *Banho de Cuia*, comecei utilizando o meu telefone, um Moto E6 Plus, para as gravações. O aparelho vem com um fone de ouvido com microfone, que funciona bem para tal. Para edição e distribuição do programa, utilizei o meu computador pessoal, um notebook HP Intel(R) Core (TM) i5-3230M CPU 2.60 GHz. Com esses equipamentos e uma conexão de internet em banda larga, chegou a hora de pensar no conteúdo do programa.

5.4 - Montando o roteiro

Reunidas as condições técnicas necessárias para dar o pontapé inicial, chegou a hora de desenvolver o roteiro do programa. Esse processo sofreu poucas mudanças do início do projeto até o último episódio gravado. Com a diferença geográfica que dificulta uma reunião periódica no formato presencial, somada a imposição colocada por conta da pandemia, as reuniões para o programa são feitas através de um formato virtual, por grupo de *Whatsapp*.

No início, o *Banho de Cuia* buscou abraçar a diversidade. Então, junto com Douglas, pensei em trazer convidados de outros estados para trazer um panorama dos times locais, dando o máximo de amplitude de temas para o debate. Por ser um fã incondicional de futebol e normalmente já acompanhar vários jogos por semana, trazia para a reunião no grupo de *Whatsapp* os meus destaques, fossem eles jogadores ou clubes. Douglas fazia o mesmo e juntos, decidíamos qual o tema do programa. Aquela reunião de pauta nos ajudava a aumentar a nossa informação sobre o futebol da região, já que por muitas vezes um informava ao outro sobre jogos que algum dos dois havia perdido.

Nada é tão necessário nem tão flexível no processo de produção de um podcast quanto a pauta, que é a relação dos assuntos que serão abordados durante a gravação de um podcast. Assim, é indispensável haver uma, pois sem ela corre-se o risco de começar a gravar sem ter a menor ideia do que falar no programa, o que pode ser uma armadilha até mesmo para aqueles que são muito bons no improviso. (LOPES, 2015, p. 59)

Definidos os temas, a tarefa de organizar a pauta fica sob a minha responsabilidade. Não há uma grande complexidade na formatação da pauta, até porque o meu parceiro de programa, Douglas, não tem familiaridade com o formato de roteiro para o rádio, por exemplo. Deste modo, as pautas do *Banho de Cuia* são organizadas de maneira simples, separando o programa em três grandes blocos: apresentação, debate e encerramento.

Na apresentação, é anunciado um pequeno texto de abertura do episódio apresentando a proposta do *Banho de Cuia* e trazendo informações sobre onde o programa é veiculado juntamente com convites para seguir as redes sociais bem como a divulgação de parceria de conteúdo com o site *HTE Sports*. Na sequência, o *host* realiza a apresentação dos participantes do episódio.

No segundo bloco, vem o debate, o conteúdo do programa. Na pauta ele é dividido em tópicos que são considerados ao longo do programa, guiando os participantes sobre os temas e subtemas que serão discutidos. Apesar do formato do *Banho de Cuia* dar liberdade para discussões e trocas de ideias, é importante que haja um controle mínimo sobre a linha do

programa, de tom mais analítico, e da quantidade de tempo gasto para debater um subtema, tarefa essa que me cabia como apresentador do programa.

No último bloco, o programa dá espaço para as considerações finais dos participantes e para que estes divulguem os seus trabalhos, redes sociais, contatos e outros projetos que eles participem. Por fim, é anunciado o encerramento do programa e o apresentador volta a divulgar as redes sociais e convida a todos para acompanhar o projeto (ANEXO).

5.5 - E grava como?

Este é um ponto onde surge um dos maiores desafios dos *podcasters*: como reunir um grupo de pessoas e gravar um programa sem dispor de um estúdio? Essa era uma das minhas principais dúvidas. Porém, ao pesquisar por opções na internet, percebi que algumas plataformas trazem essa possibilidade, mesmo sem poder reunir pessoas em um mesmo ambiente pelas limitações de distância geográfica.

A priori, pesquisei algumas opções para a gravação. Elas levaram em conta a praticidade do acesso para convidados e a qualidade do áudio gerado pelo aplicativo para poder selecionar qual plataforma seria usada. Até hoje, duas plataformas foram utilizadas durante as gravações.

A primeira plataforma utilizada é o *Discord*. Disponível gratuitamente para telefone e para o computador, ele é uma plataforma de comunicação por mensagens em texto, áudio e vídeo. Concorrente ao *Skype* e ao *TeamSpeak*, ele é bastante popular entre os gamers. Uma das grandes vantagens do *Discord* é que ele consegue gravar a conversa separando os canais de áudio de cada participante. Para quem precisa editar, a divisão dos canais ajuda muito para melhorar e limpar áudios. Contudo, a dificuldade de acesso para convidados e a instabilidade no servidor da plataforma são desvantagens que fizeram com que houvesse a mudança para o *Skype*.

As vantagens de utilizar o *Skype* são duas: a facilidade de acesso para convidados e a simplicidade para gravação. Com apenas um botão, você ativa e desativa o modo gravação, gerando automaticamente um arquivo de áudio da conversa. Como o *Skype* é um aplicativo de amplo conhecimento, ao contrário do *Discord* que tem uma maior penetração em um nicho (gamer), utilizar o *Skype* acabou sendo uma saída para alguns convidados que tinham pouca intimidade com outras aplicações. Contudo, a qualidade do áudio no *Skype* é menor, além do que a conversa é gravada em um único canal, dificultando a equalização de distorções entre o áudio dos participantes.

Vale destacar que os programas são gravados *online*, através de chamadas de áudio. Em casos onde haviam distorções graves ou pequenos trechos com baixa qualidade de áudio, utilizei o artifício de pedir para que algum participante regravasse o trecho de fala e enviasse via *Whatsapp* para substituir na edição.

5.6 - Se liga aí, é hora da edição!

Gravado o bate papo, o programa chega a sua fase mais delicada: a edição. Apesar de já existirem opções disponíveis para edição de áudio no celular, fiz a opção de editar através do programa *Audacity* para computador. Utilizando a versão 3.0.2 do programa, eu tenho mais recursos disponíveis do que teria em um aplicativo por celular.

Um outro ponto importante é que o *Audacity* tem uma versão em português, o que torna o seu menu mais simples para navegar na comparação com outros aplicativos. A facilidade de acesso também é uma vantagem para executar o trabalho. Com a minha pouca experiência com edição de áudio, o *Audacity* foi uma opção que me ajudou bastante a entender como eu poderia conduzir o processo de edição.

Após extrair o áudio da gravação diretamente do *Discord* ou do *Skype*, abro o arquivo no *Audacity* e aí começa todo o trabalho. Realizar os cortes das bordas, recortar os trechos devidamente anotados por alguma imprecisão de fala ou informação durante a gravação. É um processo minucioso, porque envolve escutar a gravação, notar imprecisões e cortá-las, mas sempre buscando manter a naturalidade da conversa.

Concluída essa fase, chega o momento de realizar a inserção das trilhas sonoras. Introduzidas em canais diferentes do conteúdo principal, elas servem para destacar para o ouvinte os blocos do programa. Como trilha de abertura, uma releitura “*tecno*” de um trecho da canção “Presepada”, de Sérgio Campelo e Cláudio Moura. A escolha desta versão foi tentar comunicar através da música os objetivos do programa: trazer uma nova roupagem para a análise do futebol nordestino sem deixar de lado as raízes culturais da região.

A trilha que traz a vírgula sonora para o início do debate é um trecho, tocado em looping, de acordes da canção “Tentou Morrer com facas e estiletes”, da banda “Madame Rrose Sélavy”. É ela que fica ao fundo do debate no programa. Seu início forte traz uma sensação de energia para a conversa. Pelo mesmo motivo, é a música que encerra o programa.

Posicionadas as trilhas no local correto, chega a hora de aplicar os efeitos necessários para que as trilhas não saiam altas demais e acabem sobrepondo as vozes. Para isso, utilizo o efeito de “*ducking*”, que é muito utilizado em rádios. O “*ducking*” ou mergulho vai abaixando

o volume da música criando uma trilha de fundo quando o locutor entra falando. Por fim, o arquivo fica pronto para ser salvo em formato de MP3, que é como ele será postado. A renderização é feita e o processo de áudio é finalizado.

5.7 - Hora de botar a boca no mundo!

Com o áudio pronto, chegou a hora de postar o programa. Os podcasts são espalhados através de *feeds*, que servem como uma espécie de biblioteca com os programas. Essa “biblioteca” se conecta aos agregadores, que disponibilizam os programas de *podcasts* para os ouvintes. Inicialmente, o processo de criação de um “*feed*” para *podcast* era mais complexo, com os criadores precisando criar um site que hospedasse esse *feed*. Atualmente o processo é um pouco mais facilitado por plataformas que servem como uma espécie de “intermediário” entre o criador de conteúdo e os agregadores.

Aqui um destaque importante. Em 2019, quando o *Banho de Cuia* começou, os programas eram postados no *feed* do *Amplitude*. O *Amplitude* reunia diversos *podcasts* e abriu espaço para que o *Banho de Cuia* tivesse uma “casa”. Toda a primeira temporada do programa foi disponibilizada no *feed* do *Amplitude*. Em 2020, o *Banho de Cuia* ganhou rumo próprio e passou a ter seu *feed*, se desvinculando do *Amplitude*. Neste voo solo, os episódios da primeira temporada foram repostados e, na sequência, vieram os episódios então inéditos da segunda temporada.

Tanto o *Amplitude* quanto o “*feed*” próprio foram hospedados através do *Anchor*, um aplicativo que dá aos produtores de conteúdo um caminho muito simples e rápido para gravar, editar e publicar *podcasts* nas principais plataformas de distribuição. Em 2019, o *Anchor* foi adquirido pelo *Spotify*, o que só ampliou ainda mais as possibilidades, já que abriu as portas para o maior portal de músicas e podcasts da atualidade. Desta forma, o *Banho de Cuia* alcançou a grande maioria das plataformas de *podcast*, como: *Spotify*, *Apple podcasts*, *Google Podcasts*, *Pocketcast*, *Castbox*, etc.

O processo de postagem era simples, muito por conta da praticidade oferecida pelo *Anchor*. Primeiro veio a criação do *feed*, onde foi preenchido o nome do *podcast*, um pequeno resumo sobre o programa, em qual categoria que o programa se encaixaria (futebol), informação sobre a língua do programa (português) e o espaço com a logomarca do programa.

Já o processo de *upload* do programa é mais simples. Na tela inicial da conta no *Anchor* há um espaço “novo episódio”, onde após um clique o aplicativo pede que você abra o arquivo de áudio do programa para ser “*upado*” na plataforma. Carregado o arquivo de áudio, bastava

preencher o título do episódio e um texto de apresentação, além de incluir a imagem do episódio. Feito isso, o botão publicar episódio é a última etapa para que o programa fique disponível para os ouvintes.

Com o programa publicado, eu e Douglas realizamos a divulgação através de grupos de *Whatsapp* e no *Twitter*, onde foi criada uma conta do *Banho de Cuia* (@banhodecuiapod). E assim nasceu o *Banho de Cuia*.

Os episódios que foram avaliados pela banca (1, 11 e 27) foram escolhidos justamente para demonstrar uma evolução do produto Banho de Cuia. No primeiro episódio, as conversas estavam um pouco mais travadas, não havia tanta química entre os participantes, o áudio possuía alguns cortes. A evolução da desenvoltura na entrevista do episódio 11 e no debate do episódio 27 são evidentes, além do áudio estar mais equilibrado entre os participantes. O conteúdo também está melhor explorado, bem como há uma maior compreensão dos participantes no manejo do tempo dos episódios, para que eles não fiquem excessivamente longos.

6. CONCLUSÃO

Após duas temporadas, avalio como positiva a experiência do *Banho de Cuia*. Este produto experimental criado em 2019 conseguiu cumprir os seus objetivos iniciais de ampliar a discussão sobre o futebol nordestino através de uma abordagem mais analítica sobre o jogo e os fatores externos que interferem diretamente na partida.

Foram 28 episódios, cerca de 2000 plays e muita conversa boa sobre o futebol da nossa região. Tudo isso feito sem nenhum tipo de patrocínio ou apoio externo, mas com a vontade de produzir um conteúdo diferenciado para um público cada vez mais exigente com o jornalismo esportivo e a análise do futebol. Ainda que o *podcast* esteja ganhando espaço nos grandes conglomerados midiáticos, entendo que este projeto experimental acaba se juntando a gama de produções de mídia alternativa que vem ganhando espaço, principalmente no ambiente virtual, nos últimos anos.

Apresentar esse projeto em uma banca acadêmica é uma grande honra, porque ele significa bastante. O desafio de tocar um projeto experimental como o *podcast Banho de Cuia* é enorme. Foram vários dias pensando e discutindo formatos, pensando em participantes, em como trazer novos temas, pesquisando para entrevistas ou debates. Mas o principal desafio é fazer isso tudo sem nenhum apoio financeiro, fato esse que ainda é a realidade da esmagadora maioria dos *podcasters* do país.

Observar que os conhecimentos adquiridos durante a graduação em matérias como gêneros radiofônicos, mídias alternativas e as ementas de oficinas de telejornalismo ou de tecnologias contemporâneas em comunicação tiveram algum conhecimento direto aplicado para a execução deste projeto é gratificante. Assim como poder retribuir para a Universidade a oportunidade do ensino público e gratuito de qualidade com notas sobre o desenvolvimento deste produto.

Como não temos nenhum nome que já tenha uma grande inserção em mídias de massa, nem estamos conectados em uma grande rede de podcasts como a *Central 3* ou a *Rede B9*, ainda estamos engatinhando no que se refere ao alcance. O que normalmente pode se tornar um motivo de falta de estímulo, para nós é um impulso para continuar realizando o trabalho e buscar as melhorias necessárias para continuar crescendo.

É claro que o projeto ainda busca muitas melhorias. Algumas delas já serão aplicadas para a sequência do programa. Adquiri um novo microfone condensador; planejo um reforço na divulgação no *Twitter* e a chegada em outras redes sociais. Além disto, também tenho como meta a busca por novos comentaristas fixos e novos convidados, bem como uma melhoria no

processo de edição, com a inclusão de mais vírgulas sonoras para dar mais dinâmica ao programa.

Ao mesmo tempo, dentro das suas limitações, avalio o programa como um sucesso. Pessoalmente, este projeto me deu a oportunidade de experimentar as mais diversas fases de produção de conteúdo digital, desde pensar uma pauta, pesquisar, produzir, gravar material, editar, publicar e divulgar. Em um cenário em que o jornalismo cada vez mais precisa se reinventar para seguir alcançando o público consumidor de notícias, ter uma experiência prática como esta é algo enriquecedor.

Além disso, o *Banho de Cuia* me abriu as portas para vários contatos no Brasil inteiro. Hoje, graças a este projeto, eu tive oportunidade de entrar em contato com outros produtores de conteúdos sobre futebol espalhados pelo país. Recebi convite para integrar a bancada fixa do “*El Rondo*”, programa sobre futebol espanhol, uma outra paixão minha, no projeto *Footure*. Também fui convidado para participar do *Baião de Dois*, programa que inspirou o *Banho de Cuia* na temática, mesmo tendo uma pegada editorial um pouco diferente.

O projeto me abriu portas para participação em outros programas, trocas de informação e de conteúdo e participação em programas de rádio em outros estados. Se o alcance para o público não foi tão alto, pessoalmente o *Banho de Cuia* me fez um profissional melhor e, de brinde, me trouxe novas amizades. Essa caminhada dentro do universo *podcaster* segue firme e tenho vontade de produzir ainda mais conteúdo para o formato por um bom tempo. Ser *podcaster* é algo que me diverte e me ensina um pouco todos os dias.

No *Banho de Cuia* tivemos boas entrevistas com profissionais de grandes clubes da região, como Sport, Náutico e Sergipe. Recebemos professores, analistas de desempenho, treinadores e jornalistas de ponta da região para discutir o futebol nordestino em alto nível. A proposta de trazer um debate fora da caixinha do que é feito em grandes mídias está sendo cumprida.

Douglas e eu tivemos alguns problemas de agenda no início do ano por questões pessoais, mas a ideia é retornar ainda em 2021 para a terceira temporada. Ainda enxergo a lacuna sobre o tema no universo *podcaster* e, com uma maior experiência, temos potencial para trazer um conteúdo com mais qualidade e profundidade. Que esta apresentação seja um incentivo a mais para a sequência de vida do *Banho de Cuia*.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBEIRO, Heródoto. **Manual de Jornalismo para Rádio, TV e Novas mídias**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica de reportagem, entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

LOPES, Leo. **Podcast: guia básico**. Nova Iguaçu: Marsupial, 2015.

LUIZ, Lucio; ASSIS, Pablo de. **O crescimento do podcast: origem e desenvolvimento de uma cibercultura**. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0302-1.pdf>. Acesso em 28 jun 2021.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo: compreensão e reinvenção**. São Paulo: Saraiva, 2009.

MEDINA, Jorge Lellis Bomfim. **Gêneros jornalísticos: repensando a questão**. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/3196/3196.PDF>. Acesso em 28 jun 2021.

NUNES, Pedro (org). **Jornalismo em ambientes multiplataforma** [recurso eletrônico] / João Pessoa: Editora do CCTA, 2016.

PESSOA, Rodrigo Turati. **Observatório do esporte: uma abordagem diferenciada no jornalismo esportivo no rádio**. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/120549/000726156.pdf?sequence=1>. Acesso em 28 jun 2021.

SORIANO, Ferran. **A bola não entra por acaso: estratégias inovadoras de gestão inspiradas pelo mundo do futebol**; tradução Marcelo Barbão. São Paulo: Larousse do Brasil, 2010.

8. ANEXO

Pauta pré-gravação

Comentaristas: Douglas Batista, Felipe Velame e Júnior Ribeiro

Apresentação: Smack Neto

1. Apresentação do programa:

Alô nordestinos de nascimento e de coração! Tá começando um novo projeto no Amplitude FC: o Banho de Cuia. O Banho de Cuia é um *podcast* feito por gente que acompanha o futebol nordestino e que acompanha a bola que rola por essas bandas. Para você acompanhar todos os nossos programas, assina o nosso *feed* no seu agregador de *podcasts*, dá o seu *like* nos programas e ajuda a gente a ser mais visto no universo *podcaster*. Estamos também no Spotify, Youtube, além do nosso programa estar veiculado no HTESports.com.br

Como irá funcionar o Banho de Cuia - *podcast* quinzenal falando sobre os principais acontecimentos do futebol nordestino envolvendo os clubes da região. A ideia é tentar abordar toda a região durante o ano, ainda que nem sempre seja possível falar de todo mundo em todos os programas.

Comentaristas: Douglas Batista, o pernambucano arretado; Felipe Velame, direto da Bahia de todos os Santos; e Júnior Ribeiro; direto de Fortaleza!

2. Tema: O que esperar de 2019 para os principais clubes de Bahia, Pernambuco, Ceará e Alagoas?

- Quem entra com mais expectativa? (cada um cita um clube, pode ser repetido, mas pode colocar pontos que acharem interessantes na sugestão do colega. A ideia é soltar um nome e a discussão ir fluindo, exemplo: Bahia, com Felipe exaltando os pontos fortes e fracos “porque manteve o técnico e uma base, etc).
- Qual a aposta para surpresa no ano?
- Qual maior candidato a decepção?
- Como clubes como CSA e Fortaleza estão lidando com o aumento expressivo em cotas de televisão? Em contrapartida, como marcas enormes como Sport e Vitória estão se readequando a outra realidade financeira?
- Quem sai em vantagem para implantação de modelo de jogo e quem terá mais trabalho para conseguir mostrar futebol?

3. Considerações finais dos participantes

Espelho da gravação

Sobe trilha inicial

Smack: Alô nordestinos de nascimento e de coração! Está começando um novo projeto do Amplitude FC, o “Banho de Cuia”. O Banho de Cuia é o *podcast* feito por gente que acompanha futebol Nordestino e a bola que rola por essas bandas. Para você acompanhar todos os nossos programas, assine o nosso feed no seu agregador de *podcasts*. Pode ser o Anchor, Castbox, podcast addicted, iTunes, enfim. Estamos também no Spotify, é só procurar pelo amplitude e assinar o nosso feed. Você também pode achar a gente no YouTube, em nosso canal do YouTube. Nós temos o canal lá, o Amplitude FC. Você procura, assina lá o canal, aperta o sininho que sempre vai estar subindo os nossos *podcast*. Em breve, quem sabe também uns vídeos legais aí. E também o Amplitude FC e agora o nosso novo projeto Banho de Cuia está sendo veiculado no HTEsports.com.br, que é um site nosso parceiro. É um site que hospeda o nosso *podcast*, os *podcasts* do Amplitude FC e que são mais um canal de contato entre nós e vocês ouvintes. E antes de começar a passar a palavra para os nossos convidados, eu queria rapidamente explicar como é que vai funcionar o Banho de Cuia, né. A gente observou essa necessidade de falar um pouco mais da bola que acontece aqui no Nordeste. Sabemos que existem outros *podcasts* como o “baião-de-dois”, que é um *podcast* que eu acredito ser pioneiro nesse sentido de dar espaço ao futebol nordestino, mas aqui a gente vai tentar tratar um pouco mais do campo e bola um pouquinho mais de análise. Tentar enxergar assuntos diferentes também e o do jeito Amplitude que quem assina o *feed* já tá acostumado, e quem não assina vai vai se acostumar os programas serão quinzenais nesse primeiro momento. Então dependendo da audiência de vocês, da receptividade, a gente pode tentar melhorar essa periodicidade. Eu queria também deixar claro que a gente sempre vai tentar falar de todos os times relevantes e importantes da região, sempre vai tentar falar do futebol de todos os estados. Porém, nem sempre isso vai ser possível durante um programa. Então a gente vai tentar dividir os assuntos e sempre que tiver alguma coisa nova algumas coisas que a gente considera bastante relevante de falar a gente não vai se furtar de falar de futebol do Piauí ou do Maranhão ou de qualquer outro estado. É isso, espero que vocês também ajudem a construir o programa com a gente. Para começar a rolar bola e ajudar a gente a dar esse Banho de Cuia, vou apresentar primeiro os convidados de fora da casa, que estão chegando aí. Primeiro, Douglas Batista. Boa noite Douglas, dá o teu alô aí para galera!

Douglas: Salve salve todo mundo que tá ouvindo. É um prazer tá aqui para falar um pouco da nossa região né? É uma temporada que tem muita coisa para falar, mas é isso aí. Vamos lá!

Smack: Vamos simhora! Júnior Ribeiro, fala aí cearense. Como é que você tá, cara?

Júnior: Valeu pessoal, show de bola! Um abraço aí para todos os nossos companheiros de bancada virtual, também para os nossos amigos ouvintes. Feliz 2019 e que seja um ótimo 2019 para todos os clubes nordestinos em todas as divisões do futebol nacional.

Smack: E para completar o time hoje, o nosso parceiro já conhecido do “La Plantilla”, de “Dois toques”, Felipe Velame! Fala aí, Felipe.

Felipe: Salve, salve, rapaziada!! Bom dia, boa tarde e boa noite para quem está nos ouvindo. Vamos entrar um pouquinho aí no futebol do nordeste, que a gente acaba ficando meio carente de conteúdo que analisa um pouco mais o jogo. Pensar um pouco mais e entender um pouco mais porque as coisas funcionam. Então, vamos tentar logicamente dentro de nossa humildade possível de nossas limitações. Mas vamos tentar buscar trazer esse outro lado, não só lado da Paixão lá do do clubismo, mas também pensar um pouquinho mais o jogo e deixar um pouquinho mais tentar entender que tem muita coisa para falar.

Smack: Só lembrando para galera: quem quiser seguir a gente no Twitter, no Facebook, no Instagram, só procurar pela arroba Amplitude FC que a gente tá lá para conversar, trocar uma ideia, receber críticas e elogios. Enfim, tudo que vocês quiserem. Mas vamos embora que hoje é dia de falar sobre a pré-temporada dos clubes de Alagoas, da Bahia, do Ceará e de Pernambuco, galera! Vamos lá tentar falar um pouquinho sobre esses clubes que estão na série A, Série B e Série C. E a ideia do programa hoje é dar um panorama geral para essa grande massa de torcedores que vão acompanhar esses times durante a temporada 2019, beleza?

Sobe a trilha de vírgula para início do debate.

Smack: É o seguinte, vamos começar então falando um pouquinho sobre os clubes da Bahia. Felipe, como bom baiano, vai poder falar um pouquinho dos dois principais rivais históricos: Bahia e Vitória. Bahia que teve um ano de 2018 bom, eu considero bom. Algumas turbulências; mas conseguiu chegar longe na sul-americana; chegou longe na Copa do Brasil devido ao título da Copa do Nordeste de 2017 que já entrou na fase final ali da Copa do Brasil; teve um brasileiro um relacionamento tranquilo, onde chegou em um momento aspirar Libertadores, mas infelizmente depois não conseguiu. Já o Vitória teve um ano totalmente diferente. Foi um ano ruim do Vitória, não foi bem nenhuma competição. Perdeu o Estadual; não foi bem na Copa do Nordeste; e acabou rebaixado para série B com time tecnicamente muito fraco, com a diretoria muito questionada. O Vitória vive uma questão complicada de diretiva, muita gente pedindo lá a cabeça do presidente, só que o presidente entrou muito recentemente também. Enfim, o que a gente pode esperar desse 2019, Felipe, partindo desse 2018 complicado do Vitória e de um 2018 em que o Bahia foi bem mas tá querendo mais né?

Felipe: São situações totalmente diferentes né? Quase opostas, por assim dizer, porque enquanto a gente tem um Bahia que vem se estruturando ao longo dos anos. Esse ano, a gente vai falar um pouco mais sobre isso, mas tá conseguindo fazer contratações até de peso, contratações importantes, que não tinha conseguido fazer nos últimos anos. Não conseguiu montar um elenco com tantas peças como tem hoje. Mas isso é fruto de um trabalho administrativo que vem ocorrendo desde a intervenção lá atrás, dessa mudança da democratização do clube que não foi da noite para o dia. Então o Bahia se comprometeu realmente com uma gestão profissional, se comprometeu com uma democratização com a transparência de dentro do clube, isso tá vindo agora. Comparativamente, é algo que o Vitória não fez. E o Vitória, enquanto Bahia vem sendo esse bom trabalho administrativo, nos últimos 4 ou 5 anos, o Vitória teve, pelo menos, as últimas três gestões foram tenebrosas. Gestões que, a cada ano, parece que o time tava fazendo força para cair, tentando de tudo quanto é jeito. O Vitória, se eu não me engano, nos últimos seis anos teve cinco presidentes. Então não existe uma continuidade do trabalho extracampo, não existe continuidade do trabalho dentro de campo, com mudanças constantes de técnico, mudando três ou quatro vezes no ano. Então o Vitória tá no momento de reestruturação total. Eu diria que é uma reestruturação que deve vir de lá de cima, dos princípios, até da questão moral do clube mesmo. A gente sabe o que aconteceu no começo do ano passado naquele Bavi, aquele que o time que saiu de campo depois de toda aquela cera. Acho que, pior do que ocorreu naquele momento dentro de campo, foi a forma como foi tratada a questão fora de campo. A diretoria do Vitória não assumiu o erro, não assumiu a culpa do que aconteceu e jogou a culpa inclusive no menino da base que entrou e foi o último a ser expulso. O clube fez evento depois com torcedores tirando fotos fingindo que estavam brigando com os jogadores da base, com Kanu. Isso foi meio que até patrocinado pela diretoria, como estamos certo mesmo, fechado. Não foi feito um “*mea culpa*”, ficou essa imagem para o resto do país. Essa realmente o que o clube representa. Então acho que talvez o Vitória precisa fazer uma reflexão nesse sentido, desde lá de cima, porque já tá claro, já tá

provado que o caminho que o clube tem trilhado nos últimos anos, não só não tem dado o resultado, como tem regredido muito o tamanho do clube. O Vitória esse ano vai ter uma dificuldade financeira maior, porque como está o primeiro ano em que os rebaixados da série A não vão manter as cotas de televisão como garantia para quedas, o que era feito antigamente. Então o Vitória esse ano tem um orçamento bastante reduzido, não vai ter muito espaço para erros. As contratações vão ter que ser mais direcionadas, realmente algo mais bem estudado, algo mais bem pensado antes. O Vitória já anunciou um pacote de contratações inclusive. A gente tem, só para falar rapidamente, trouxe Thales, que jogou no CSA em 2017 e destaque na campanha de acesso à série C; trouxe Edcarlos, zagueiro experiente de 34 anos; trouxe Leandro Vilela, volante; Wesley Dias, volante que pode jogar na lateral também, tem um pouco mais de versatilidade; Andrigo, que jogou no Atlético Goianiense e jogou no Ceará; e o meia Rui, de 30 anos. O Vitória trouxe uma quantidade relevante de contratações, mas quando você olha elas individualmente, talvez não seja que o torcedor esteja esperando realmente, talvez não venha a ser o que Vitória tava precisando. Não existe muita diferença, em algumas posições até não dá pra ver muita diferença em termos de qualidade técnica. A priori, logicamente que a gente tá fazendo um exercício de futurologia, tentando imaginar o que vai ser a temporada, que talvez não seja suficiente. Ou pelo menos o esperado para o salto de qualidade do clube. A gente sabe que a série B é um campeonato muito difícil de se jogar, que demanda muito dos atletas e é bem diferente de uma série A. Às vezes, tem que sair um pouco mais difícil é qualidade ou pouco mais de que espírito competitivo mesmo de uma fisicalidade exacerbada. O grande desafio do Vitória dentro de campo, para mim, é montar um modelo de jogo claro. Nos últimos anos, as trocas de técnicos que tem acontecido são meio aleatórias, o Vitória sai de um Vágner Mancini de um Argel Fucks, para um Carpegiani, que são treinadores que têm ideias de jogo e jogam de maneira muito diferente. O Vitória parece que não tem de bem definido o DNA do clube, a forma que eles querem jogar. E isso a gente sabe que como eu sou o preço lá na frente. Não adianta você, por exemplo, montar um time para jogar de forma reativa, um time para jogar de velocidade, com mais situações de um contra um, e você trazer um cara que a gente sabe que tem um estilo de jogo mais propositivo, que gosta de ficar com a bola, que gosta de circular um pouquinho mais. Então o Vitória precisa definir o seu DNA. Historicamente, se a gente pega o time do Vitória, talvez os melhores momentos tenham sido com times que exploram mais a velocidade, a imposição física. É a linha que Vitória vai seguir? Pelas entrevistas de Marcelo Chamusca, parece que ele vai priorizar um pouco mais a bola, propor um pouco mais o jogo. Então, o Vitória precisa decidir uma reestruturação e tem que ser da Diretoria, da moral do clube, do princípio até lá embaixo, passando pela forma de contratação e as características dos contratados, com jogadores que ele procura, um modelo de jogo. Então o Vitória tá no meio de muitos questionamentos, o Vitória tem possibilidade de ter um bom 2019? Sim. A série B você sabe que é um campeonato diferente, mas o Vitória é um time que tem estrutura grande, consolidada, vai entrar com vantagem não só por ter sido rebaixado esse ano, mas porque dentro de uma série B é um time que tem uma estrutura diferenciada. Então ele consegue atrair jogadores mais fácil que outros times atrairiam. Não vai ter muito dinheiro para isso, mas tem a questão da estrutura de time grande nessa série B, então tem esse atrativo. O torcedor vai precisar ter muita paciência nesse começo de janeiro e fevereiro. Se não me engano, são 13 jogos até o fim de fevereiro. Não vai ter muito tempo de um jogo para outro. O Vitória já anunciou que vai usar muito o time sub-23, que pode ser algo positivo porque vai dar tempo para o time principal se condicionar fisicamente. Então vamos ver quem mais o Vitória vai trazer, vamos ver se realmente vai trazer alguém que, pelo menos a priori, traga uma promessa maior de qualidade, a promessa maior de que pode realmente ajudar resolver problemas estruturais no time, que tem uma defesa aqui no ano passado já se mostrou muito abaixo do que deveria ser. Não fez grandes contratações para defesa esse ano, então é um ano de muitos questionamentos para o Vitória. Já o Bahia é o oposto desse caso aí. Depois de anos priorizando

contratações, digamos, menos badaladas, jogadores que vinham para cá mais novos para perder barriga vazia como Bellintani falou de jogadores que ainda não conquistaram muito na carreira, mas que tem potencial e vem com fome para alcançar algo, esse ano ele já veio um pouco mais diferente no perfil de contratações. Esse ano o Bahia já trouxe o Guilherme, que é um atleta mais velho, que não tá no seu auge técnico talvez, mas a gente sabe do potencial que ele tem. O clube também está fechando a venda de Fernandão, pelas notícias ele parece que vai ser anunciado em breve. Repatriar o ídolo é uma coisa que não se vê muito aqui no Nordeste, pelo menos nesse nível que ele tava no exterior já vinha expressando há algum tempo o seu desejo de voltar o Bahia, mas a condição financeira não permitiu. A torcida pede há muitos anos, o Bahia fechou também, mantendo o seu padrão anterior, com jovens que tem muito potencial como o Arthur e o Iago, que era do CRB e fez um bom campeonato no ano passado; o próprio Shailon do São Paulo. O Bahia tá montando um elenco de opções, vai ter pelo menos um atacante com potencial de titular no ataque; trouxe opções de velocidade para as pontas que não tinha ano passado, porque basicamente só tinha Elber e o Marco Antônio que acabou não conseguindo manter o padrão, o nível que se esperava dele no começo do ano e não foi uma opção viável na reta final. De velocidade não tá mais com o cara que daria mais para o meio então esse ano Bahia tem cinco seis opções nas pontas. Tem Shailon, tem Ramirez, tem Guilherme para atualizar atacante está reforçando as vagas me faltou me parece que baixa talvez falte um pouco a questão de um volante que sair mais para o jogo que tem maior quantidade de passos de hoje Bahia tem Gregore, Nilton, Elton e Flávio, que foram titulares no ano passado, pelo menos em algum momento da temporada. Desses, o Flávio é o que tem um pouco mais de saída de jogo, um pouco mais de, digamos, o segundo volante como é muito comum de dizer aqui. Já Nilton, Gregore e Elton são mais volantes de contenção, não são caras dessa saída de bola. Às vezes, o time fica meio estático quando joga com ele (Elton) e Nilton. Yuri era para ser esse cara que veio do CSA no ano passado. Só que já chegou e se machucou no joelho, já não sei quanto tempo vai ficar fora. Uma ausência grande para o Bahia e para ele, que eu estava muito animado para ver ele jogar. Então o Bahia mostra um poderio financeiro muito maior do que nos últimos anos, maior até do que eu esperava que fosse demonstrar já nesta temporada, e vai precisar disso porque vai jogar cinco competições. Ano passado já foi, se não me engano, o segundo time que mais jogou no Brasil, ou o terceiro. Isso no contexto é muito grande. Aqui no Brasil se jogam muitos jogos. Precisa realmente poder rodar o elenco, ter a segurança de trocar uma peça aqui, outra peça ali, e saber que a qualidade não vai cair tanto. E tem também a grande vantagem com relação ao Vitória, pois já tem um modelo de jogo estabelecido, manter o técnico e boa parte do seu time já sabe como que irá jogar. Já tem um mecanismo relativamente bem estabelecido. Lógico que as contratações vão precisar de um tempo para se adaptar. Mas o Bahia já tem uma base, pelo menos uma espinha dorsal do time e facilita demais aí. Mas a gente sabe como o time joga hoje, pressionando dentro de casa a saída de bola, gosta de tirar bola da pressão e Enderson acaba utilizando as laterais, mas sempre com os pontas caindo muito para dentro da área e Gilberto, um cara que sai muito bem da área, ele tem criado uma unidade grande. Ele consegue criar situações para todos os jogadores, ele abre espaço para infiltração, que foi o muito o que faltou no Bahia. O Bahia não tinha muitos pontas para invadir a área, Elber era um cara de mais velocidade. Do seu lado, Zé Rafael. Ele centralizada mais para o meio, como meia armador. Clayton não manteve um nível que desse para contar com ele realmente quando precisasse. Ele entrou algumas vezes, mas nunca trazendo muita coisa ao time. Mas esse ano a gente já tem Arthur, que é um cara que finaliza bem também na área, que tem o próprio Iago, Shailon, que é um jogador que ficou da temporada passada. Então hoje o Bahia tem um elenco um pouco mais sólido, que pode rodar com mais tranquilidade e isso vai ser muito importante. Naquele momento que afunila a temporada a partir de setembro, agosto, e sabe como é pesado sabe que não é mais em ano de Copa América, que vai ter uma pausa. O calendário vai ser mais apertado ainda. Fiquei muito satisfeito de ver que o Bahia se preocupou

com isso. O Bahia se preocupou em recheiar o elenco e não só em trazer peças, gastar demais em uma peça aqui outra ali. O Bahia tá conseguindo montar um elenco redondo, com opções, e tem tudo para chegar forte esse ano nas competições que disputa. Vamos ver até onde ele vai conseguir chegar, ano passado como o próprio Smack falou, teve um resultado final positivo, mas teve momentos de muita incerteza ao longo da temporada, principalmente fora de casa. Sequências não muito boas, principalmente fora de casa. Eu acho que o grande desafio, para mim, o grande desafio do Bahia esse ano é se consolidar como um time da parte de cima da tabela. Chegar ali como 10º, 9º ou 8º e conseguir ganhar partidas fora de casa. É algo que o Bahia não tem conseguido fazer com muita frequência. Na temporada passada em 2017, se não me engano ganhou apenas uma ou duas fora de casa. Então é isso, são panoramas e realidades muito distintas, mas talvez o Bahia seja o que tá mais... Do Nordeste, talvez o Bahia seja o que está mais consolidado, que tem perspectivas mais sólidas, principalmente para o começo de temporada, mas não quer dizer que vai deslanchar. Tem muita coisa para acontecer, como é que as contratações vão se encaixar. O próprio Guilherme é um cara que acho que joga bola, mas tem algum tempo que ele não está se destacando tanto. O próprio Rogério, que veio do Sport, é um cara que talvez não esteja no seu melhor momento técnico. Então tem algumas questões, mas parece que está sendo montado de uma forma satisfatória, de uma forma racional para trazer bons resultados. O Vitória precisa talvez melhorar um pouco em termos de contratação, ou até talvez...

Smack: Mas vai conseguir melhorar, Felipe? Fica a pergunta né, pela situação financeira. Não que seja horrível, a gente vai falar um pouquinho depois da situação do Sport, que depois de Arnaldo Barros a gente sabe que ficou bem complicado. Depois da última gestão do Sport. Mas o Vitória, ele vai ter capital? Vai ter força financeira para fazer um investimento? Não que vai competir com clubes de Série A, porque a gente sabe que, ainda mais nessa temporada, com contrato novo da TV em vigência, é muito complicado financeiramente mas dentro do patamar Série B, o Vitória vai conseguir? Porque eu vejo um cenário onde muitos torcedores estão bastante pessimistas quanto a isso.

Felipe: É aquela coisa, o Vitória não tem não tem tido as melhores das gestões nos últimos anos. Tem sido algo complicado para o time. Por exemplo, agora o Vitória demitiu o diretor de futebol ontem ou anteontem, então você vê que o planejamento não tá exatamente como deveria. Você demitir um diretor de futebol na véspera do começo da temporada? Por que no fim do ano você já trouxe outro? Se não estava satisfeito, porque você não demitiu o cara no ano passado e já trouxe outro que pudesse montar o time desde o começo? Então, o Vitória peca um pouquinho nisso. Eu acho que dentro de uma série B, por mais que seja um orçamento reduzido em termos nacionais, mas numa Série B é um orçamento competitivo, orçamento que não vai ficar atrás da maioria dos times, talvez até fique à frente da grande maioria. Se bem utilizado, tem condições de trazer gente para ajudar. Agora o Vitória não tem a confiança no mercado, digamos assim, não tem confiança na praça de que vai realmente fazer isso. Precisa melhorar, precisa profissionalizar um pouco a gestão, precisa ter um pouco mais de atenção, um pouco mais de cuidado com a forma como gasta o dinheiro. Esse é o grande problema do Vitória. Precisa, principalmente, talvez o mais importante para o Vitória é ter seguimento no trabalho, especialmente dentro de campo. A torcida precisa entender isso, precisa diminuir a pressão. Vitória esse ano tem uma prioridade, que é subir. Se for eliminado na primeira fase do baiano, se for eliminado na Copa do Nordeste e subir, tá ótimo. Torcedor vai estar satisfeito e tem que estar satisfeito mesmo. Tem que usar esse período para consolidar o modelo de jogo para consolidar uma forma de jogar para chegar na série B já bem. O Vitória não pode se dar ao luxo de não subir esse ano. Toda questão financeira que você falou, pela questão até da própria autoestima do torcedor, que nos últimos anos tem sofrido um pouco com a forma e com

os resultados que o time tem alcançado com uma gestão do Vitória. Eu acredito que tem condições de fazer um bom ano, fazer uma boa série B, agora precisa apresentar mais do que tem feito fora de campo. O grande problema do Vitória hoje, pra mim, é fora de campo. Fica bem claro que as gestões do Vitória nos últimos anos têm sido muito ruins. E o Vitória tá nessa nessa situação não é por acaso, não é porque fez uma temporada ruim. O Vitória tem feito duas ou três temporadas muito ruins. O grande desafio do Vitória, do torcedor e da Administração é resgatar essa confiança, resgatar essa imagem fora do Bahia, que ficou muito arranhada. Especialmente depois do episódio no ano passado, mas eu acredito sim que o Vitória tem condições de fazer um bom ano mas aí é um questionamento muito grande, é um “se” muito grande. Mas que existem condições, eu acredito que sim.

Smack: É, vamos aguardar aí, vamos aguardar o Bahia e o Vitória, tanto no Estadual, como na Copa do Nordeste, na Copa do Brasil e ver o que dá, principalmente com esse time do Vitória, eu tô bem curioso para saber como é que o Vitória vai se portar diante da situação. Vamos já trazer os nossos convidados aqui para rolar a bola participando efetivamente do Banho de Cuia. Queria falar primeiro com Junior, deixando já aberto o espaço aqui para quem quiser também. Eu me intrometi na fala do Felipe um pouquinho, mas quem quiser também comentar um pouco, falar alguma coisa que lembrar, enfim. Júnior: a gente passando agora para o Ceará, 2018 foi um ano bem mágico para o futebol do Ceará. Ferroviário foi muito bem, andando com seu acesso para Série C, foi campeão brasileiro da Série D. O Fortaleza foi campeão brasileiro da Série B. E o Ceará se manteve na Série A, depois de um começo ali terrível, que todo mundo já dava o Ceará como morto, o Ceará com a chegada do Lisca se recuperou e quase foi parar na sul americana. Chegou a sonhar. E o que é que a gente pode esperar aí no ano de 2019? Será que ao contrário do Vitória, pelo exemplo que Felipe citou, os dois grandes de Fortaleza, Fortaleza e o Ceará, mantiveram seus técnicos. Rogério Ceni continua no comando do Fortaleza. Houve muita especulação se ele ia renovar, se não iria ser dado condições de trabalho para ele, e o Fortaleza conseguiu a renovação. O Lisca ficou e ganhou o busto, fez coreografia com a torcida na apresentação da feijoada do Ceará, enfim. Conta para gente sobre a expectativa para o desempenho dos cearenses tanto no Estadual, quanto na Copa do Nordeste, Copa do Brasil e no Brasileiro né, com os dois disputando a série A, voltando o clássico Rei aí na Série A.

Júnior: Pois é, 2018 foi um ano bem bacana aqui para o futebol cearense. Um ano que a gente não esperava, basicamente. Porque em 2017, no começo na Copa do Brasil tanto Ceará como Fortaleza caíram cedo, na primeira fase. Então, imprensa e torcida imaginaram que seria mais um ano terrível. Aquela altura o Fortaleza ainda tava na série C, o Ceará seguia na série B sem muita perspectiva. Mas 2017 surpreendeu e o Fortaleza subiu da C para B depois de 8 anos, e o Ceará voltou para série A. 2018 foi um ano de muita expectativa, e que a maioria das expectativas foram cumpridas e até superadas. O Ceará permaneceu na primeira divisão depois de uma arrancada no final surpreendente. O Fortaleza até excedeu expectativas, porque após ter perdido o Estadual se cogitou até a saída do Rogério, mas a diretoria bancou a permanência dele. Deu certo, foi campeão da Série B. E o Ferroviário foi além de se imaginar, o time que estava praticamente quebrado, tava até pouco tempo na segunda divisão Estadual, foi para série D aos Trancos e barrancos. Conseguiu não só o acesso, como foi campeão nacional. Então, 2018 foi um ano que há pouco tempo atrás ninguém esperava aqui no futebol cearense. Nós vimos o estado da Bahia e o estado de Pernambuco muito acima do nosso, e esperávamos quando é que nós vamos ter esse protagonismo. Esse protagonismo chegou mais cedo do que a gente imaginava e para 2019, a expectativa é pelo menos manter aquilo que está acontecendo, é manter Ceará e Fortaleza na primeira divisão e a de manter pelo menos o Ferroviário na série C e os outros clubes menores que aqui estão crescendo como Atlético

Cearense, antigo Uniclínic, e também o Floresta, que esses times consigam ir bem no brasileirão série D, quem sabe até brigar por um acesso. Porque quanto mais times cearenses estiverem em divisões estabelecidas, como por exemplo a série C. Porque a D não é uma coisa estável, a D é muito volátil, praticamente uma desculpa que a CBF dá para clubes menores. Então quanto mais estável estiverem os clubes cearenses, melhor para o nosso futebol. Sobre 2019 e os técnicos, foi realmente muito bom a manutenção dos dois. Tanto o Lisca como também Rogério Ceni. O Rogério Ceni foi até uma disputa um pouco mais... Não digo complicada, mas o poder de convencimento teve que prevalecer nessa hora. O Fortaleza mostrou as suas cartas, mostrou o projeto e até agora o Rogério Ceni vai dando continuidade ao seu trabalho. Assim como Lisca, que antes mesmo de ter a confirmação de que tava salvando o time do rebaixamento, que permaneceria na primeira divisão, já tava entrando em acordo para permanecer para 2019. Então realmente a manutenção desses dois técnicos para Ceará e Fortaleza são fundamentais para o trabalho esse ano. Além, é claro, puxando um pouco mais para baixo, o Ferroviário manteve o Marcelo Vilar para este ano. Ele que foi campeão da Fares Lopes, que é o nosso torneio aqui no segundo semestre, e também do Campeonato Brasileiro da quarta divisão. Mas sobre a questão da expectativa em si, a expectativa é de que Ceará e Fortaleza continuem na primeira divisão, quem sabe até almejem algo mais, uma sul-americana seria algo muito bom, mas o primeiro passo na Série A é a permanência. E claro, a gente pode abordar várias coisas, como cota de TV, como principais contratações, principais desfalques, porque o Ceará perdeu um grande volante, que foi Richardson. E o Fortaleza perdeu o artilheiro do Brasil que foi o Gustagol, então aqui em nosso estado nós temos muitos assuntos para abordar ainda.

Smack: Júnior, aproveitando essa deixa aí, depois dessas perdas que tu falaste. O Ceará perdeu o Arthur né, que já havia sido vendido para Palmeiras, mas terminou a temporada no Ceará. É um garoto novo que surgiu muito bem. E como é que o Ceará tá trabalhando nessa posição? E para os nossos ouvintes aí de outros estados que não acompanham de perto, se já tem alguém no Ceará ou até mesmo do Fortaleza, da base, que a gente pode ficar de olho aí; algum jogador que a gente pode esperar coisas boas nesta temporada 2019? (segue)

OBSERVAÇÃO: Devido ao limite técnico de quarenta laudas imposto pelas regras da UFAL para a produção de relatórios, o restante do programa não pôde ser disponibilizado na sua totalidade no formato textual. O Episódio 1 – “Bem-vindos ao Banho de Cuia” está disponível no Spotify, no Anchor e em diversos outros agregadores de *podcasts*, no *feed* do Banho de Cuia.